

* Sob o foco Tiago Sousa



O disco só sai lá para o final do ano, mas Tiago Sousa estava tão entusiasmado com a gravação de *Samsara* que resolveu estreá-lo em concerto no imediato, para não perder o embalo e o momento criativo. Sexta, no Museu do Oriente.

Depois de Burroughs e Thoreau, espiritualidade oriental?

Apesar de o disco se intitular *Samsara* não é exactamente oriental nem tem que ver com a religião. Está relacionado com...

O ciclo de vida e morte?

Sim. Quis pegar na vida enquanto vários momentos que se contrapõem e que vão criando uma percepção diferente da realidade. Tentei criar um certo antagonismo e radicalizar um pouco mais a estética, para que os momentos se contraponham com mais violência. Acaba por ser circular, tem também essa ideia de ciclo, mas não é uma relação directa com o hinduísmo ou com outras filosofias orientais. Não é tão directo como o *Walden* e o *Western Lands*. É uma inspiração mais estética e abstracta.

Mas parte também de leituras?

Sim, começa um pouco pela minha relação com a filosofia budista, em particular a filosofia zen. Não é tanto a questão religiosa, que pode ser mais folclórica, a interessar-me. Há um livro do Bodhidharma, o monge que leva o zen para o Japão, em que ele faz uma descolagem muito forte desse lado folclórico e diz que não é muito importante

ligar às escrituras, aos preceitos e aos rituais – o que é importante é a compreensão da realidade por cada um. É um *do-it-yourself* muito mais vago e ambíguo. Isso interessou-me bastante. Depois, o piano não é abordado de uma forma muito técnica e académica, mas mais centrada no crescimento pessoal.

Até pela ligação à espiritualidade e por esse caminho pessoal, era inevitável que trabalhasses sozinho?

Certo. A peça começou a adensar-se com esta coisa dos antagonismos e o espaço para outros instrumentos começou a ser cada vez mais difícil de controlar. A primeira vez que foi abordada, num concerto em 2010, fi-la num formato de quinteto. Isso foi completamente destruído. Cheguei à conclusão de que o ideal seria construir uma peça de piano solo. Também quis fugir um bocadinho a alguns lugares comuns que se foram criando na minha música.

Que lugares comuns são esses?

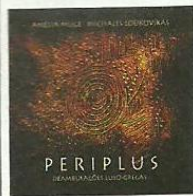
O drone, algo muito forte no meu trabalho, não existe neste disco. A exploração um bocadinho além do formato canção também me parece recorrente naquilo que faço, por isso tentei ir a outros espaços mais abstractos.

Já foste ao Oriente, que não à Gare ou ao Museu?

Não, infelizmente nunca passei da Europa [risos]. As minhas viagens até lá têm sido essencialmente através dos livros que tenho lido. *Gonçalo Frota*

Amélia Muge + M. Loukovikas

★★★★★
Periplus
Éter



Certamente que Amélia Muge não gravou este disco para irritar a famosa troika, mas há uma imensa ironia no facto de *Periplus*, que tem como subtítulo “Deambulações Luso-gregas”, celebrar essa espécie de cordão umbilical mediterrânico que une a Grécia a Portugal pelo menos desde o mito da fundação de Lisboa, atribuída a Ulisses. Irmãos na falência económica, eis que os dois países se unem aqui para celebrar a sua riqueza cultural ao abrigo de qualquer austeridade – os discos de Amélia Muge são uma luxuosa filigrana de sons, instrumentos e versos, e *Periplus* não foge à regra.

Mais do que isso: são sempre tudo menos óbvios. Se ela aqui se une ao músico e compositor grego Michael Loukovikas não é para criar um europudim, com guitarra

braguesa e bouzouki. Sim, há guitarra braguesa, e sim, há bouzouki, tal como há traços de rebetiko e de fado, há versos de Pessoa e hinos delficos. Mas nada é abordado de forma convencional – bem pelo contrário, cada faixa é um acumular de surpresas, seja em “Deixa Brilhar”, onde Hélia Correia canta (sim, canta) em grego, seja, por exemplo, em “Da Folhinha de uma Rosa”, um tema magnífico que resume na perfeição a forma como é possível fazer um *patchwork* luso-galaico-grego sem deixar uma única costura à mostra.

Amélia é a rainha da música de inspiração tradicional para um grupo de não mais de 70 pessoas, mas esses continuam a ter grandes motivos de felicidade de cada vez que um disco seu aterra nas discotecas. Em *Periplus*, as suas canções voltam a ser intrincadas, cheias de esquinas e profundamente autorais, razão pela qual nunca chegarão a um grande público. Mas para os 70 escolhidos, Amélia é como Ícaro: vale sempre a pena queimar as asas se for para voar na direcção do Sol. *João Miguel Tavares*

O projecto T(h)ree regressa ao palco do Auditório do Museu do Oriente com um espectáculo que conta com a participação de músicos de Portugal, Filipinas e Singapura; coincidindo com o lançamento do segundo volume deste projecto.

O programa inclui TOI (Filipinas), Randolf Arriola (Singapura) e The Analog Girl (Singapura). Com as participações especiais de Micro Audio Waves, Rita Braga e MAZE (DEALEMA).

* DESCONTO DE 25% A MENORES DE 30 ANOS E MAIORES DE 65.

INFORMAÇÕES E RESERVAS:
213 585 244/200 - bilheteira@orieinte.pt - Ticketline 1820 (24 horas) - www.ticketline.sapo.pt

www.museudooriente.pt

